



INSTITUTO DE FILOSOFIA & CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA – 30
2º. SEMESTRE DE 2007

DISCIPLINA

CÓDIGO / TURMA NOME

HG753 A **Tópicos Especiais de História da Filosofia Moderna V**

PRÉ-REQUISITOS

AA420 HG401/ AA200 AA420

CARGA HORÁRIA: (Nº DE HORAS POR SEMANA)

TEORIA 04 PRÁTICA 00 LABORATÓRIO 00 ORIENTAÇÃO 02 ESTUDO 04

ATIVIDADE À DISTÂNCIA: 00 HORAS AULA EM SALA 04

CRÉDITOS:

06

HORÁRIO:

3ª. feira – 14h às 18h

PROFESSOR (A) RESPONSÁVEL

Prof. Marcos Lutz Müller

CONTATO:

mlutzm@terra.com.br

PED: A () B () C ()

PAD

EMENTA

O curso tem por objetivo examinar as noções mais elementares da moderna lógica simbólica, como as funções proposicionais, quantificação, função de verdade, verdade lógica, modelo, linguagem formal e método axiomático. Tratar-se-á também de levantar a questão do alcance e limites da aplicação de tais noções na investigação das línguas naturais

PROGRAMA

O curso se propõe a desenvolver tópicos em história da filosofia moderna, a partir de textos clássicos pertinentes, de acordo com as pesquisas em andamento no departamento de Filosofia

O Conceito Hegeliano de Filosofia

Em face da exigência de um saber filosófico sem pressupostos (o “ceticismo consumado”), que se concebe como ciência e sistema e pretende a sua auto-fundação absoluta, e em face da aporia de uma justificação “científica” prévia e externa a esse saber “científico”, denunciada ironicamente na exigência kantiana de conhecer criticamente a

faculdade de conhecer antes do conhecer, Hegel empreendeu, no curso de sua trajetória intelectual, três tentativas de “introdução” ao seu programa lógico-especulativo. Elas procuram evitar esta aporia e respeitar aquela exigência de auto-fundação da ciência filosófica. A primeira, na *Fenomenologia do Espírito*, inicialmente concebida como sendo ao mesmo tempo “introdução” e a “primeira parte do sistema”; a segunda na *Ciência da Lógica*, na discussão sobre o seu ponto de partida necessário; a terceira, no “conceito preliminar” (*Vorbegriff*) da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas (1830)* (§§ 19-82), inserido no início da versão concisa da *Ciência da Lógica* da *Enciclopédia* (a ‘pequena lógica’).

Esta última ‘introdução’ ao sistema será objeto do curso, escolhida pelo seu caráter didático, pela riqueza das suas referências críticas à história da filosofia e ao presente filosófico de Hegel, e pela clareza com que aí se desenha a sua concepção de filosofia, que adquire forma científica na apresentação sistemática e enciclopédica do todo. A partir dessas referências críticas ele elabora “três posições do pensamento relativamente à objetividade” (*E*, §§ 26-83), nas quais esboça uma tipologia de posições histórico-filosóficas, que, para além da sua referência histórica, se configuram como paradigmas conceituais, através de cuja crítica ‘introduz’ o seu conceito integrador de filosofia. Esta ‘introdução’ procede de modo histórico e segundo o raciocínio comum, mas visa, contudo, “elucidar e promover (*herbeiführen*)” o ponto de vista lógico-especulativo, que procura resolver e “suspender” as dificuldades e impasses das três posições analisadas: 1) a da metafísica anterior (à crítica kantiana), 2) a do empirismo e a da filosofia transcendental de Kant e Fichte, e 3) a da filosofia do “saber imediato”. O interlocutor central, nesses confrontos, é certamente Kant. Por isso, o curso dedicará especial atenção à crítica de Hegel a Kant, no sentido de mostrar que esta crítica quer instaurar um novo começo da metafísica (redenominada “ciência da lógica”) precisamente através de uma radicalização da crítica kantiana à metafísica dogmática, e não de um retorno a esta, como o entendimento neokantiano ordinário tornou moeda corrente.

PLANO DE DESENVOLVIMENTO

Tópicos principais (roteiro de leitura dos §§ 1-82):

1. Conceito preliminar de filosofia, do seu objeto e do seu método. A filosofia como “ciência” e como “enciclopédia” das “ciências filosóficas”. Identidade entre o objeto da filosofia e o da religião e a dissolução pós-hegeliana desta identidade. (§ 1, 2, 19)
2. Gênese e justificação do objeto e método da filosofia no “pensamento puro que se tem a si mesmo por objeto”. (§ 17) Pensamento puro e liberdade (*E* §§ 1,2,3,17,23). A filosofia como “reconciliação” entre razão subjetiva e razão objetiva (*E* §§ 3,6). A “enciclopédia filosófica” como todo, formado de um “círculo de círculos”. (§§ 15-16, 18)
3. O conceito abrangente e inclusivo de pensamento. (§ 3) O “pensamento especulativo” e a diferença entre representação, conceito e idéia. (§§ 20-23) A relação entre pensamento e experiência na realidade efetiva, entre filosofia e ciências empíricas. (§§ 7-12) Sistema e história da filosofia. (§§ 15-16)
4. A metafísica como crença espontânea de que “aquilo que o pensamento conhece das coisas como pertencendo a elas é o que nelas unicamente é verdadeiro”. Sentido positivo e

sentido negativo, sentido histórico e sistemático de ‘metafísica’.

5. Crítica dos juízos predicativos da metafísica anterior e a incapacidade destes para determinar os objetos da razão: a pressuposição ‘representativa’ do sujeito (*hypokeimenon*) da predicação e a atribuição a ele de determinações finitas do pensamento pela reflexão exterior. Reflexão exterior e reflexão imanente.

6. O empirismo e a sua dupla face: sua origem na reação à metafísica abstrata do entendimento e a origem metafísica das categorias e procedimentos discursivos do seu discurso cético.

7. O “princípio de liberdade” do empirismo (o verdadeiro está na efetividade presente e ele tem de existir na experiência para valer no saber) e a sua determinação insuficiente do conteúdo da experiência e do procedimento analítico. A diferença entre o ceticismo antigo (pirrônico) e o ceticismo de Hume.

8. O ponto de partida comum do empirismo e da filosofia crítica na experiência, e o “fato”, para a filosofia crítica, da origem apriori da universalidade e da necessidade, enquanto determinações essenciais da experiência.

9. A investigação crítica da validade das determinações do pensamento da antiga metafísica pela reflexão transcendental kantiana. A origem da dialética especulativa nessa reflexão transcendental: a exigência de unir numa mesma atividade as determinações e as formas do pensar puro atuantes no conhecimento e a reflexão transcendental crítica sobre essas determinações e formas. A inversão da consciência ordinária pela subjetividade transcendental.

10. Crítica de Hegel ao caráter empírico da “dedução metafísica” das categorias kantianas e a retomada da exigência (fichteana) da sua derivação apriori do próprio pensar. A distinção entre entendimento e razão e a sua função crítica. A crítica à coisa em si (um “além inacessível”) e ao “idealismo subjetivo”(!) da filosofia crítica (ela se restringe à finitude unicamente transcendental dos predicados finitos e dos fenômenos, que para Hegel são finitos não só “para nós”, mas em si).

11. A divisão da metafísica em metafísica geral (ontologia) e nas metafísicas especiais (psicologia racional, cosmologia e teologia racional). A transformação kantiana da metafísica geral em filosofia transcendental e a sua crítica à dialética das metafísicas especiais. A transformação hegeliana da metafísica geral em “ciência da lógica” e a sua crítica ao conteúdo finito dos predicados atribuídos pela metafísica dogmática aos objetos da razão. (§§ 33-36; 42-49)

12. O significado positivo da crítica kantiana à metafísica e das provas da existência de Deus e as respectivas insuficiências, para Hegel, daquela crítica e destas provas. Os dois caminhos da constituição do “ideal da razão” enquanto unidade do ser e do conceito (i. é, da “elevação” do espírito a Deus, na linguagem representativa da religião) nas provas tradicionais da existência de Deus (§§ 50-51). O pressuposto central do idealismo absoluto: a equiparação da contingência do finito à sua “nadidade” intrínseca, enquanto reverso da relação afirmativa do infinito a si.

13. A crítica ao dualismo kantiano e à redução da razão teórica à autodeterminação formal. A constituição do princípio da independência absoluta da razão como princípio universal da filosofia e preconceito da época. (§ 60)

14. O “saber imediato”: a redução do pensamento à explicação de relações causais finitas (todas as condições são ulteriormente condicionadas, de sorte que o conhecimento mediado só conhece o finito) e a correlata transformação da razão, na sua capacidade de conhecer a verdade, em crença/fé, entendida como revelação imediata do infinito (divino) no

sentimento interior.

15. O *cogito* cartesiano como paradigma moderno do saber imediato (a exclusão da mediação é o critério de verdade do seu conteúdo) e a crítica hegeliana às diversas formas históricas do saber imediato (a reminiscência platônica, as idéias inatas, a razão natural, a certeza imediata de Deus, a inspiração do coração, a consciência da lei moral, o senso comum), que tomam a imediatidade por um fato “psicológico” irredutível, mas, na verdade, contêm e ocultam uma forma de mediação.

16. Os três momentos do procedimento lógico-real (§§ 79-82).

BIBLIOGRAFIA

G.W.F.Hegel – *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1830). I. Teil. Die Wissenschaft der Logik*, Werke, v. 8, eds.. Moldenhauer e K. M. Michel, Suhrkamp, Frankfurt a. M., 1970. §§ 19-82.

G.W.F. Hegel – *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio (1830). Vol. I. A Ciência da Lógica*, trad. de Paulo Meneses, Loyola, São Paulo, 1995. §§ 19-82.

FORMAS DE AVALIAÇÃO

Uma prova escrita em classe ao final do 2º mês e um trabalho conclusivo ao final do semestre.

HORÁRIO DE ATENDIMENTO A ALUNOS

Em princípio às 5ª das 15-17, mas a ser combinado definitivamente com os alunos.